



O educador: formação e ação

AULA

16

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Analisar a formação e a ação do educador na sociedade atual.
- Esclarecer a atitude do educador diante das novas possibilidades educativas surgidas com os avanços tecnológicos.
- Estudar a relação essencial entre teoria e prática, na formação e na ação do educador.
- Analisar o papel político-social do educador diante da atual conjuntura socioeconômica.
- Esclarecer o papel do educador no estabelecimento de uma reflexão sobre os valores éticos.





INTRODUÇÃO

A formação de educadores está passando por um momento de revisão substantiva e de crise em nosso país. Muitos são os motivos que provocaram esta situação. (...) o questionamento do próprio papel exercido pela educação na sociedade, a falta de clareza sobre a função do educador e a problemática relativa à redefinição do Curso de Pedagogia nas licenciaturas em geral (CANDAU, 2002, p. 49).

Têm sido freqüentes afirmações de que a profissão de professor está fora de moda, de que ela perdeu seu lugar numa sociedade repleta de meios de comunicação e informação. Muitos pais já admitem que melhor escola é a que ensina por meio de computadores. (...) Desse modo, não haveria mais lugar para a escola e para os professores. (...) Será assim? (...) Ao contrário, pois, do que alguns pensam, existe lugar para a escola na sociedade tecnológica e da informação, porque ela tem um papel que nenhuma outra instância cumpre. É verdade que essa escola precisa ser repensada (LIBÂNEO, 2002, pp. 25-6).

Caro companheiro de viagem pela “Terra dos Fundamentos da Educação”, chegamos a uma *estação* de grande importância para o seu futuro profissional. A partir de agora, vamos analisar o papel do professor: sua importância social, seu processo de formação e as características de sua prática na sala de aula. Em resumo, tentaremos analisar como deve desenvolver-se sua tarefa profissional. Você terá a oportunidade de refletir sobre sua própria **formação e prática profissional**. É importante que você analise como foi sua preparação para tornar-se docente. Você está satisfeito com o que aprendeu? Acha que a formação deveria ser diferente, na atualidade?

Como está sendo a formação do professor nos nossos dias? O educador acompanha as mudanças da sociedade e o avanço do conhecimento e das tecnologias? Qual a prática do docente atual? Qual sua atitude na sala de aula, diante dos novos desafios da vida contemporânea?

Também esta é uma oportunidade para refletir de que forma está se desenvolvendo seu trabalho profissional, como você está agindo em sala de aula e fora dela; enfim, em tudo que compete à vida de um professor. Aliás, você pode perguntar-se: que tipo de professor eu sou? Como está sendo meu desempenho? Estou acompanhando as mudanças atuais da sociedade e as novas necessidades que surgem na escola ou me mantenho aferrado a um comportamento tradicional?

Caro aluno, para tentar esclarecer essas diversas questões que surgem em relação à da profissão docente, iniciamos nossa análise aludindo a dois autores que estão pensando a situação do professor na atualidade: Candau e Libâneo.





Nos dois primeiros parágrafos desta introdução, ambos os autores assinalam a existência de uma **crise da profissão docente**. Candau afirma que está sendo repensado o lugar do professor e o “próprio papel exercido pela educação na sociedade”; assinala que vivemos uma época em que está sendo profundamente discutida a função desempenhada pelo educador e pela educação na sociedade. Já Libâneo alude à influência que têm os grandes avanços tecnológicos na sociedade atual. Esses avanços que revolucionam a transmissão da informação, com especial destaque para o uso de computadores, já se tornaram fundamentais para os alunos. Cabe perguntar se essas tecnologias poderiam colocar em xeque uma função tão tradicional como a do professor. O autor levanta diversas questões: discute se numa sociedade de informação haveria ainda lugar para o docente. O ensino em sala de aula não seria uma modalidade antiquada, ultrapassada?

Libâneo responde que **a função docente ainda é primordial para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade**, porém precisa se adaptar aos novos tempos, **precisa ser reformulada**.

As primeiras considerações que podemos tecer a partir dos comentários de Candau e Libâneo são que a profissão docente, assim como a sociedade em geral, está vivendo uma profunda crise e precisa de mudanças urgentes. A docência é uma atividade milenar; gerações após gerações transmitiram, com bastante estabilidade, técnicas de ensino-aprendizagem, visões de mundo, valores, atitudes e práticas. Essa estabilidade hoje não é mais possível, já que a maioria dos conceitos, atitudes e valores está sendo revista. Então, é importante esclarecer: quais seriam as principais causas dessas transformações?

1. A revolução tecnológica, principalmente as formas de comunicação virtual, que mudam totalmente o modo de lidar com o conhecimento.
2. A globalização, a internacionalização dos mercados, o domínio universal dos capitais, que submete, cada vez mais, os denominados países subdesenvolvidos.

A revolução tecnológica e o domínio universal dos mercados, na época da globalização, têm profundos impactos em toda a sociedade e influenciam marcadamente a escola. Isso traz a exigência de **reciclar a educação, transformar as atividades docentes e a instituição escolar** como um todo. Em outras palavras, será necessário formar um **novo docente e uma nova escola**, adequados à realidade atual.

As novas tecnologias e a globalização, entre outros fatores, mudaram a sociedade e também a criação e transmissão do conhecimento. A formação do educador e a instituição escolar estão acompanhando essas mudanças?

Caro docente, neste novo milênio, cheio de mudanças sociais, políticas, econômicas etc., o educador deve se perguntar: como devo agir? Diante desse quadro social e educacional inédito, o educador e os que formam os educadores devem esclarecer as coisas que devem ser repensadas e reformuladas na prática de ensino. Para tentar achar uma resposta, indicamos alguns pontos fundamentais:

1. A relação do docente com as novas técnicas.
2. A importância de o docente dominar, cada vez mais, bases teórico-científicas, articulando-as com as práticas concretas do ensino.
3. A tomada de consciência por parte do docente, de sua importância como profissional crítico, ciente do seu papel político-social, diante do quadro neoliberal atual.
4. A capacidade de o docente conviver com as diversidades, com os múltiplos segmentos sociais que freqüentam a escola, numa prática de tolerância, fomentando práticas democráticas de inclusão social e escolar e de recolocar em destaque valores fundamentais como justiça, solidariedade e respeito aos direitos humanos.

Caro colega de viagem, a seguir vamos tentar aprofundar quatro pontos para esclarecer qual seria o novo *status* do professor na atualidade. É importante que você reflita sobre qual tem sido a sua atitude diante dessas questões, em sua prática na sala de aula. Você tem acompanhado as mudanças na sociedade e no ensino ou tem mantido uma conduta tradicional apegada a antigas formas de educar?

DOCÊNCIA E NOVAS TÉCNICAS

Pensar que as novas tecnologias que facilitam o conhecimento se opõem à prática da docência é uma postura muito simplista, bastante superficial, até se poderia dizer preconceituosa. Algumas pessoas, principalmente as vinculadas a práticas de ensino mais tradicional, parecem acreditar que haveria uma contradição: Ensino tecnológico *vs.* Ensino tradicional. Nesse sentido, Libâneo levanta questões instigantes:



As questões de aprendizagem seriam resolvidas com a tecnologização do ensino. (...) Numa sociedade sem escolas, os jovens aprenderiam em Centros de Informação por meio das novas tecnologias como televisão, vídeo, computadores. Será assim? Terá chegado o tempo em que não serão mais necessários os professores? (2002, p. 13).

O autor vai ser enfático na sua resposta: as tecnologias chegaram, estão aí, fazem parte do nosso dia-a-dia, são fundamentais para a pesquisa e o ensino, não é possível prescindir desses recursos. Porém, estamos longe de assistir ao “ocaso” dos professores e da escola. Ao contrário, a escola e os docentes devem preparar-se para usufruir desses novos meios, num papel mais crítico e reflexivo:



A escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção de informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significado à informação. Nessa escola, os alunos aprendem a buscar a informação (nas aulas, no livro didático, na TV, no rádio, no jornal, nos vídeos, no computador etc.), e os elementos cognitivos para analisá-la criticamente e darem a ela um significado pessoal. (...) Trata-se, assim, de capacitar os alunos a selecionar informações mas, principalmente, a internalizar instrumentos cognitivos (saber pensar de modo reflexivo) para aceder ao conhecimento. A escola fará, assim, uma síntese entre a cultura formal (dos conhecimentos sistematizados) e a cultura experienciada (LIBÂNEO, 2002, pp. 26-27).

Conforme aponta Libâneo, o uso de meios *tecnológicos* (vídeo, computador) e *tradicionais* (livro didático, aulas) permitirá ao docente estimular a capacidade crítica dos discentes. Não se trata de uma oposição, mas de uma complementação. As técnicas não cercearão, mas ajudarão o conhecimento. O novo educador, por sua vez, longe de estar acuado diante da tecnologia, fará dela um instrumento fundamental de pesquisa e ensino: suas aulas serão mais ricas e instigantes! O fato de contar com instrumentos que não existiam na escola tradicional permitirá facilitar a *transmissão* do conhecimento, abrindo espaço maior para a tarefa *criativa*. Ao não despendar tanta energia na captação dos saberes, professores e alunos terão mais tempo para refletir sobre esses saberes, gerando, assim, novos conhecimentos.



Os novos recursos tecnológicos (vídeo, computador etc.) se tornaram um auxílio precioso para o educador atual. A utilização desse instrumental, longe de tornar supérflua a tarefa do docente, colabora decisivamente para o ensino. Esses meios facilitam a transmissão do conhecimento, possibilitando a criação de novos saberes?



DOCÊNCIA: TEORIA E PRÁTICA

A teoria e a prática educativa, neste enfoque, são consideradas o núcleo articulador da formação do educador, na medida em que os dois pólos devem ser trabalhados simultaneamente, constituindo uma unidade indissolúvel (CANDAU e LELIS, *apud* CANDAU 2002, p. 67).

FEMINILIZAÇÃO DO ENSINO

Postura que considera o ensino, particularmente dos anos iniciais, próprio das mulheres devido às suas *condições* ou *dons maternais*. Ver Aula 17 de Fundamentos 3.

No item anterior, caro companheiro de viagem, mostramos que o docente não deve sentir seu trabalho “ameaçado” pela tecnologia; ao contrário, ela se torna um instrumento para aprimorar sua tarefa docente. Seguindo as reflexões de Libâneo, constatamos que o professor deve estimular a *criação de conhecimento*, deve ajudar na *reflexão*. Assim, chegamos a uma das questões mais polêmicas que envolvem a profissão docente. Em alguns posicionamentos, o docente é considerado basicamente um profissional da *prática*, um trabalhador que se limita a divulgar ou difundir conhecimentos já pré-formados. Por isso, ele não deveria se envolver em tarefas de pesquisa ou em teorizações *abstratas*. Destinado a agir na sala de aula, ele deveria, nesse espaço *concreto*, transmitir *conceitos, atitudes e condutas*, previamente elaboradas. Ele não poderia dar-se ao luxo de especulações nem de divagações conceituais.

Candau e Lelis denunciam que esse posicionamento surge de um velho preconceito que separa a teoria da prática, no exercício da docência. Para elas, há uma unidade indissolúvel entre a produção do conhecimento e a prática educativa.

Quais são os motivos da existência dessa dicotomia? As causas são diversas. Uma delas é a vinculação da docência a tarefas “femininas”, maternais, uma espécie de prolongamento das atividades domésticas, que principalmente no ensino das primeiras séries seria exclusiva das mulheres. “De longa data, o magistério, sobretudo o primário, vem fazendo apelo ao contingente feminino. Bastante compatível com a natureza das funções femininas, tais como valorizadas em nossa sociedade ocidental” (LUDKE, *apud* CANDAU, 2002, p. 81). Assim, o magistério das primeiras séries foi atribuído às mulheres, invocando condições femininas e maternais, *que prescindiam de uma sólida formação, mas da “natureza feminina”*, com o intuito de desvalorizar a profissão e, portanto, pagar pouco:





não se podia exortar as professoras a serem ignorantes, mas se podia dizer que o saber não era tudo nem o principal. Exaltar qualidades como abnegação, dedicação, altruísmo e espírito de sacrifício e pagar pouco: não foi por coincidência que este discurso foi dirigido às mulheres (CATANI, 1997, pp. 28-29).

De longa data, a desvalorização da docência, identificando-a a atividades maternas, domésticas, espontâneas, “naturais” na mulher, levou a aprofundar esse suposto abismo que haveria entre a prática docente – principalmente das primeiras séries – e a teoria. Para ensinar não era necessário formação, pesquisa, apenas deveriam possuir “dons” femininos.



Porém, a redução da atividade docente a uma simples prática sem elaboração teórica também atinge os homens, num processo mais amplo de desvalorização da profissão. No Brasil, particularmente, na sua situação dependente não só na economia, mas também na produção científica, é negado o papel de criar o conhecimento. Os educadores não poderiam ser cientistas nem pesquisadores, apenas divulgadores de um conhecimento já construído pelos grandes centros, como Estados Unidos e Europa. Como deveria agir o professor? Divulgando, transmitindo saberes já cristalizados; nunca poderia ousar criar. Por isso, a docência seria apenas uma tarefa pragmática, repetitiva do já conhecido. Linhares denuncia essa situação:

No Brasil, os movimentos de professores estão em estado de alerta com as profundas alterações que estão sendo impostas, tendendo a reduzir a formação de professores a um tipo de processo pragmático, distanciado das pesquisas e da produção teórica (LINHARES e LEAL, 2002, p. 114).

Tanto a feminilização do ensino, que reduz a docência a um “dom” feminino sem muita elaboração teórica, como a sua redução a uma função pragmática, negam que a docência deve articular a teoria com a prática. Ensinar é um **fazer**, mas que implica um **conhecer** criativo. O professor(a) não pode limitar-se à reprodução do já sabido, do já consolidado.



Teoria e prática são duas condições indispensáveis, e inseparáveis, para o exercício da profissão docente.

O docente tem a missão de transmitir e de **criar** o conhecimento:

(...) dependemos de nossa capacidade de interlocução com os mais variados tipos de conhecimento para projetar os processos de aprendizagem e ensino escolares e, particularmente, de formação de professores à altura dos desafios atuais (ibidem, p. 118).



O PAPEL SOCIAL E POLÍTICO DO DOCENTE DIANTE DA GLOBALIZAÇÃO E DAS POLÍTICAS DE MERCADO

(...) o novo educador é aquele que reconhece o seu papel político, a dimensão política da educação, e a interioriza como profissional e como sujeito, refletindo-a através da sua práxis (PAULO *apud* CANDAU, p. 103).

O educador atual, além do seu conhecimento e utilização das novas tecnologias, além de reconhecer que a docência implica a união indissociável de teoria e prática, deve ter consciência de seu papel social nas novas relações institucionais, nas novas estruturas de poder vigentes. O fenômeno mundial de globalização impõe exclusão, marginalização de povos e grupos. No Brasil, particularmente, a dependência das políticas impostas pelos centros hegemônicos levam ao sucateamento, à desvalorização da docência:

(...) o sucateamento das escolas tem componentes pouco mencionados que passam pelo engessamento do educativo, no espaço escolar, que acabaram trancando a pedagogia num quartinho dos fundos, onde pouco se cogita a construção de conhecimentos (LINHARES, 2002, p. 118).

INCLUSÃO SOCIAL E ESCOLAR

O novo educador deve fomentar a inclusão social e escolar de todos os alunos, com suas diversidades e necessidades peculiares. Para esclarecer este ponto, sugerimos rever as Aulas 9 a 14 de Fundamentos 3.



O educador deve ser crítico e ter clara consciência do seu papel social e político, ao lidar com as novas gerações.

Nossas escolas são afetadas pelas políticas internacionais: há um sucateamento das escolas, uma precarização do seu funcionamento, um aviltamento das condições dos professores; **resultam gritantes** os baixíssimos salários, as péssimas condições de trabalho, a falta de todo tipo de materiais, até os indispensáveis, como giz, apagadores etc.



O novo educador deve, então, ter consciência crítica dessa situação, analisá-la, comentá-la e tentar fomentar as novas práticas democráticas, mesmo em condições precárias. Ele é responsável em formar uma consciência crítica, nas novas gerações, permitindo que esse panorama econômico-social possa ser alterado. O novo professor deve estar comprometido com idéias de liberdade e emancipação, não com a manutenção do estado atual, em que alunos e professores vivem, estudam, trabalham em condições muito desfavoráveis:

O professor tem que estar em condições de poder sempre se atualizar e, ao mesmo tempo, saber acompanhar a trama dinâmica da vida social (...) para formar estudantes e professores comprometidos com ideais emancipadores (LEAL *apud* LINHARES e LEAL, p. 153).

DOCÊNCIA, DIVERSIDADE E PRÁTICAS DEMOCRÁTICAS

Finalmente, o novo docente, que emprega adequadamente as novas tecnologias, que conjuga teoria e prática e tem consciência do seu papel social, também deve procurar acolher todos os alunos, com suas singularidades, com suas peculiaridades, assim como fomentar, na escola, todas as práticas democráticas. Em outras palavras, o novo educador terá competências teórico-práticas, consciência social, assim como deverá cultivar valores que favoreçam a inclusão social e o espírito democrático. Nessa época crítica, a humanidade parece ter perdido o rumo, parece carecer de valores e parâmetros. O educador, justamente, tem uma função ética fundamental:

(...) diante da crise de princípios e valores, resultante da deificação do mercado e da tecnologia, do pragmatismo moral ou relativismo ético, é preciso que a escola contribua para uma nova postura ético-valorativa de recolocar valores fundamentais como a justiça, a solidariedade, a honestidade, o reconhecimento da diversidade e da diferença, o respeito à vida e aos direitos humanos básicos, como suportes de convivência democrática (LIBÂNEO, 2002, pp. 8-9).

PRAGMATISMO MORAL

Postura que reconhece como moral ou valioso apenas aquilo que traz alguma utilidade ou benefício prático.

RELATIVISMO ÉTICO

Postura que considera que não há valores universais, não há uma ética geral. Os critérios éticos mudam nas diversas sociedades, grupos e indivíduos; às vezes, um mesmo indivíduo muda de valores conforme suas necessidades e sua conveniência; assim, a sua ética é *relativa* à sua situação e interesse pontual.

PRÁTICAS ÉTICAS, DEMOCRÁTICAS E INCLUSIVAS

O novo professor deve refletir sobre valores como solidariedade, cooperação etc., sobre ações democráticas e inclusivas, que convoquem todos os alunos. Sobre práticas e mecanismos de inclusão, como já assinalamos, veja Aulas 9 a 14 de Fundamentos 3.

Libâneo assinala que vivemos no **PRAGMATISMO MORAL** ou **RELATIVISMO ÉTICO**. O que isso significa? Significa que, numa época modelada pelo mercado, pela deificação do lucro, o que interessa é o prático. Pragmático é aquele que só visa a sua utilidade, em geral está motivado pelo ganho material. E o relativismo ético significa que, além desse desejo de vantagens e ganhos individuais, todos os valores e convicções parecem ser relativos, determinados pelas diversas circunstâncias e/ou conveniências. Assim, o valor da sinceridade ou honestidade subordina-se, para quem quer ter sempre o maior lucro, a poder ser sacrificado, dependendo da ocasião, e do *negócio* a ser concretizado. Por isso, a sinceridade é um valor relativo. Que quer dizer isso? Que nossos valores estão muito confusos, que são muito fracos, que podem ser trocados de um momento para outro.

Mas o novo docente não se pode render a essa lógica egoísta, individualista, anti-social, que provém da distorção que coloca o mercado e o lucro como os “totens da tribo” (isto é, como falsas divindades). Como assinala Libâneo, há outros valores: solidariedade, honestidade, respeito à vida. Ele também frisa o respeito que se deve ter à diversidade e à diferença. O novo educador deverá, numa sociedade cujos valores fraquejam, refletir sobre a ética social e sobre os comportamentos na escola. Para além do individualismo do mercado global, o professor pode refletir com seus alunos sobre a importância de estabelecer relações solidárias e cooperativas. O educador pode assinalar a possibilidade de construir coletivamente o conhecimento, assim como pensar numa sociedade com práticas democráticas. O papel ético do educador é fundamental. Ele pode destacar a importância de uma sociedade plural e inclusiva, que convoque ao diálogo aberto com todos os alunos.

Numa sociedade múltipla, como a brasileira, convivem negros, brancos, favelados e ricos, gordos e magros, saudáveis e portadores de necessidades especiais etc. É preciso, como assinalamos acima, incluir todos. Como destaca Linhares:

Importa destacar que esse movimento de enlaçar escola e vida tem sido realizado como um esforço pela *inclusão* de todas e todos no espaço escolar, implicando uma maior abertura para os portadores de direitos especiais, como o são os surdos, os mudos, os deficientes mentais, motores, visuais etc. (LINHARES, 2002, pp. 120-121).



A tarefa de incluir os diferentes consiste na capacidade de tolerar até os que pensam e sentem diferentemente de nós, até aqueles que não concordam com nossos valores. O novo docente deverá equacionar, através do diálogo, da discussão aberta e criteriosa, esses conflitos.

Caro colega de viagem, acabamos de realizar um importante percurso no fascinante mundo da formação do novo profissional. Diante do panorama atual da nossa sociedade, em que a tecnologia transforma todo o campo de conhecimento, em que o domínio global dos mercados é categórico, em que os valores tradicionais estão em crise, é preciso pensar na formação de um novo profissional. Nesta aula, apresentamos alguns traços, alguns esboços desse profissional que está sendo redesenhado. Você, como educador, é um dos protagonistas dessa nova figura, desse novo papel, dessa nova função.

RESUMO

A formação do educador no panorama da sociedade atual, em que os avanços tecnológicos revolucionam o conhecimento e os processos econômicos globais influenciam todas as atividades sociais, incluindo a escola. Refletimos sobre o papel do novo docente: como deve lidar com as tecnologias, assim como pode articular a teoria com a prática. Esclarecemos a função social e política do professor e sua importância para refletir sobre os valores da sociedade. Analisamos seu papel relevante para estimular o diálogo entre os diversos alunos, fomentando práticas inclusivas e a troca democrática. Destacamos que o professor deve estimular valores como solidariedade, cooperação, gerando um clima de integração na sala de aula. Assinalamos, finalmente, que os currículos atuais de Pedagogia ainda não se atualizaram totalmente para permitir o surgimento do novo educador, sendo esse uma tarefa que se encontra em construção.

EXERCÍCIOS

1. Reflita sobre o uso de novas tecnologias na sua escola (vídeo, computador etc.). Você acha importante o emprego desses instrumentos? Pensa que contribuiriam para melhorar a compreensão dos temas estudados?
2. Você acha que o professor deve dominar tanto a teoria quanto a prática? Que tipo de profissional é você: pesquisa em livros, internet etc. ou acha mais importante refletir e aprimorar sua técnica para dar corretamente suas aulas?
3. Na sua escola, você discute valores, analisa a situação social, debate as práticas democráticas? Você entende o significado da noção de inclusão escolar? Você adota práticas inclusivas nas suas aulas?

Encaminhe suas respostas a seu tutor, no pólo.

AUTO-AVALIAÇÃO

Você entendeu as características do novo educador, sugeridas nesta aula? Você compreendeu a importância da tecnologia para a atividade escolar? Você enxerga a relação essencial entre teoria e prática na formação do docente? Conseguiu assimilar a importância que o professor tem para refletir sobre os valores da sociedade e para estimular práticas inclusivas e democráticas? Você percebe a importância que tem o docente para formar uma consciência de cidadania dos alunos, para o entendimento do papel social e político da escola? Caro aluno, se você respondeu positivamente a estas questões, vá em frente. Caso contrário, releia novamente esta aula, ou consulte seu tutor no pólo.